

Próximo dos

# 100

GRAPPA

O centenário está chegando. Em 2011, o Colégio Dante Alighieri completa um século de história.

Cem anos de contribuição ao ensino de qualidade e à formação de cidadão responsáveis. Cem anos fomentando a cultura e valorizando a italianidade. Cem anos de uma história que justifica o empenho e a dedicação para completar os próximos cem.





## Botinhas e Educação

**M**eu-dia de sábado outonal, temperatura amena. Aquela cidade da Grande São Paulo, próxima dos cem mil habitantes, tinha o costumeiro movimento de fim de semana, atraindo uma profusão de gente – em especial ao supermercado, pelo visto com preços mais convidativos.

Naquele meio-dia, encontrava-me no local do abastecimento. Logo à entrada, no lugar reservado para os visitantes preferenciais, estavam dispostos cinco assentos. Sentei-me, abri o jornal e comecei a folheá-lo. Quando encontrei as palavras cruzadas, tirei a bic do bolso e iniciei o exercício mental.

Estava absorto na minha tarefa, quando percebi que, ao meu lado, havia se sentado alguém. Notei que aquele ser calçava um par de botinhas pretas, brilhando na limpeza que exibiam. Sem tocar o chão, balançavam. Bem arrumadinho, o garoto, irradiando felicidade, pôe a mão num dos bolsos e retira dois bombons. Abre o invólucro de um deles. A guloseima se revela, revestida com uma camada de chocolate branco. Com movimentos ritmados, sem afoiteza, inicia educadamente o processo de deglutição. Parecia navegar no paraíso.

Perguntei-lhe como se chamava. prontamente, respondeu: “Jaquesom, tenho oito anos”. Não tendo entendido, voltei a indagar: “Como se escreve seu nome, é com ‘c-k’?”

– Não, moço, é com “q-u-e”, e “m” no final; eu sou brasileiro, não sou americano...

Em seguida, dizendo que frequentava a escola, descreveu, feliz, suas atividades diárias. Sentiu-se importante... Começou pela hora do levantar, quando cumpria todas as exigências higiênicas. Destacou a economia da água que fazia, incluído o momento do banho. Demonstrou até mesmo preocupação com a feérica iluminação do estabelecimento.

– Por que tantas lâmpadas acesas? Na minha casa, não esqueço de apagar as lâmpadas.

Procurei saber dele como se portavam seus colegas na escola. Não pestanejou Jaquesom:

– Moço, disse ele, palavrão na escola dá suspensão; em casa, nem quero pensar...

Fazia todas as lições, tinha muitos amigos porque não brigava com ninguém. “Por que brigar, se todos somos filhos de Deus? Como filhos, somos todos irmãos! Vou à escola porque quero ser um grande homem!” Todas essas frases foram proferidas num discurso firme, com clareza e adequação de palavras.

– Olhe, moço, não pensa que gastei todo o dinheiro com os chocolates, não.

E, apressado, colocou sobre a mesinha do banco uma série de moedas e concluiu: “Sei que, se a gente tira e não põe, o saco de milho fica vazio...”

Comecei a me preocupar. O tempo passava e Jaquesom não dava sinal de que estivesse acompanhado. Atrevi-me, então, a lhe fazer a derradeira pergunta: por que ele usava a botinha com cano semilongo.

– Moço, nós moramos no campo. Se a cobra pular, ela pica o coro!

Nesse instante, um casal – um e outro de botina – passa diante de nós com o carrinho das compras feitas e chama o Jaquesom. Este, ao se despedir, e não sem antes me apresentar os pais, agradeceu meu bate-papo e colocou o outro bombom na algibeira, notando que era para a irmãzinha.

Esse encontro casual não poderia ficar esquecido. Numa comunidade simples, encontra-se um menino, filho de pessoas humildes, com esse grau de comportamento, hoje não muito comum. Louvor aos pais que o acompanham de perto, louvor aos mestres que complementam o delicado, mas gratificante, campo da educação.

Permaneceu-me, entretanto, uma dúvida: aos olhos do garoto, eu teria ocupado um lugar indevido... era moço!

**Por José de Oliveira Messina  
Presidente do Colégio Dante Alighieri  
ex aluno 1934/1946**